

lésbicas, sáficas & sapatas

dia noble

Copyright © 2021 by Dia Nobre

©2021 1. edição

Todos os direitos reservados pela autora e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da autora.

CAPA: Sophia Andrezza

N754ú Nobre, Dia.

Lésbicas, sáficas & sapatas. / Dia Nobre. 1. edição. -  
Petrolina: Edição da autora, 2021.

1. Conto. I. Título.

CDD B869.8

Índice sistemático:  
1. Literatura brasileira

esta plaquete de contos é um presente meu para as leitoras que me seguem e esperavam que eu escrevesse algo sobre o amor lésbico, essa conexão erótica-poderosa entre mulheres que ainda vai mudar o mundo.

*dia nobre, 29 de agosto de 2021*

<i>oráculo</i>	6
<i>a menina na carteira da frente</i>	8
<i>o coração é uma armadilha de urso</i>	10
<i>conflito de gerações</i>	13
<i>amor à distância</i>	15
<i>a revelação</i>	17
<i>tomando chá com a angústia</i>	26
<i>lost in translation</i>	28
<i>carta para laura</i>	29
<i>eu chupo, tu chupas, ela chupa</i>	33
<i>reencontros</i>	34

Dia Nobre nos presenteia com onze narrativas curtas e encantadoras – algumas leves e feitas para deleitar nosso dia, outras melancólicas, aflitas, poéticas, sensuais. Cada uma com sua linguagem, seu ritmo e tema, sua graça ou desgraça, suas personagens adolescentes ou adultas, tão diferentes uma da outra – diferentes como nós leitoras –, mas unidas por um mesmo fio condutor: o amor entre mulheres. Estes contos são um convite a ler a vida amorosa como ela é: ora pincelada em cores fortes, ora em tons pastéis, às vezes uma armadilha de urso e outras *lost in translation*, um coração em estado de carnaval, uma revelação ou um gozo a ponta de caneta. E sempre tão certa quanto um mapa astral. Brindemos a isso – à vida, ao amor, a nós e à Dia, que nos dedicou esta delícia de livro. Boa leitura!

Yvonne Miller, escritora.

# oráculo

eu tinha quinze anos

e entre estantes de uma biblioteca, me perguntaram se eu gostava de mulher. meu ascendente em leão me fez responder que eu gostava de gente. mais tarde, nossas mãos-bocas-cabelos se confundiram em abraços escondidos atrás de uma piscina no sesc.

eu ainda não sabia quem eu era.

aos vinte e dois

uma arquivista entrou na minha vida como um tornado cego.

minha lua em peixes me fez subir ladeiras e perder o último ônibus pra casa só pra estar com ela. o maior dos clichés é fazer planos com quem não tá nem aí pra você.

aos vinte e nove

me adicionaram no *facebook* e veio junto um convite pra

um café. e eu fui. era um prenúncio de confusão,

mas meu sol em aquário disse *carpe diem*.

e depois de lençóis molhados, madrugadas na rua,

xícaras quebradas e gritos descendo as escadas,

ela se foi.

aos trinta e três

a conheci em um bar.

minha vênus em escorpião fez meu ventre se afogar em

um jorro. depois de alguns atropelos e desencontros,

nossos planetas se alinharam em trígono. ela veio

assistir um filme e

nunca mais foi embora.

hoje eu sei.

entre tantos trânsitos astrológicos

amar uma mulher sempre foi algo certo no meu mapa.

## **a menina na carteira da frente**

nos dias que a gente não precisava ir de farda, ela usava um conjunto cor-de-rosa, blusa de seda e saia curta. tinha olhos encapsulados em pálpebras finas e era a menina mais bonita do colégio. sentia a atenção de todos os meninos e a inveja de quase todas as meninas, mas não era capaz de sentir o prenúncio do meu desejo infantil.

sentava atrás dela, na segunda fileira da direita pra esquerda, segurando a vontade de cheirar seus cabelos que, às vezes, caíam sobre a minha carteira. oferecia meu apontador de lápis sempre que ela precisava de um.

não me importava de emprestar as canetas favoritas do meu estojo da princesa sara. eu daria o estojo, se ela pedisse. eu era a amiga nerd, esse clichê perfeito de pureza e ingenuidade, submissa à gigante autoestima da menina popular.



alguém que buscava no redemoinho da adolescência ser,  
de alguma forma,  
correspondida.

um dia,

a menina me olha como se me devorasse a alma. sinto um arrepio na nuca, as bochechas queimam, os pêlos eriçam e um formigamento percorre minha pelve. cruzo as pernas por instinto e a língua úmida e quente lubrifica meus lábios. tem saliva e ciprina borbulhando no meu corpo-cachoeira.

por um instinto, nos levantamos. vamos ao banheiro.

sorrisos são trocados pelo espelho no côncavo de uma rachadura. estamos ali. rosto-a-rosto-e-quase-boca-a-boca. o beijo tem sabor de borboleta que pousa delicada no dedo médio de uma estranha, sem saber se dali virá um carinho

ou a morte.

## **o coração é uma armadilha de urso**

quando a conheci,

ela não parava de falar. eu acompanhava com o olhar aquele mover de lábios, absorvendo em conta-gotas os espaços entre uma respiração e outra. encostava minha coxa na dela, sem saber se ela ia notar, tão ensimesmada que era.

havia no ar um silêncio impenetrável ainda que bocas se abrissem em risos, copos tinssem, corpos se movimentassem pelo salão de dança. eu só escutava o cheiro do cabelo dela, a textura macia da pele que eu tocava vez ou outra, a delicadeza da blusa de gatinhos que marcava os seios quando ela jogava os ombros pra trás.

daquela noite que passou como fogos de artifício na praia em noite de ano,

lembro de um brinco perdido no jardim.

luzes piscantes.

uma menina que dançava abraçada a uma árvore.  
a tatuagem de ganesha recém-feita.  
a expectativa pulsante de algo que poderia ser fácil.  
as coisas boas sempre chegam como um vento que leva  
um pouco de você.

nos meses seguintes, uma densidade se instalou e fez  
casa entre nós. foram grandes tormentos. eu nunca  
soube lidar com a sensação do amor. muita coisa se  
perde na memória e eu não sou capaz de ordenar.  
demorou uma vida pra gente se ajustar. *it's all about  
timing* e o coração é uma armadilha de urso, meu bem,  
um negócio pontiagudo que te fere quando você menos  
espera.

talvez por isso, as palavras não encontrassem caminho  
quando eu queria falar sobre ela. há, no entanto, uma  
pulsão de morte que me empurra pro papel. tem coisa  
que é de uma violência incrível, toca fundo na gente.

então eu escrevi.

e eu tinha que escrever. e ela tinha que ler e gostar. e  
entrar na minha vida sem pedir licença. e quando eu  
perguntasse, ela tinha que negar. *não, não é nada disso.*

e tentar fugir. até eu perceber que a rede já tinha sido armada e era eu quem tinha caído. e entender que cair foi reerguer-me da intolerável solidão que me cercava.

# conflito de gerações

escolhe uma paleta de cores

pra ornar o meu nome no seu, ela pediu.

mas eu gosto de cores fortes e ela de tons pastéis.

eu tenho lutado contra a bagunça que a ansiedade me causa desde que me entendo por gente e a vida dela é uma tabela do *excel*; um programa que eu não sei mexer.

eu sou mais um *paintbrush* que até já saiu de moda e ela um *photoshop* que deixa tudo mais bonito. eu dançava uma música do *radiohead* tentando me equilibrar na corda bamba enquanto ela desenhava no ar com os dedos uma canção da *bethania*. eu *pinot grigio*, ela gin tônica. eu gostava do *orkut* que era lilás e simples e ela consegue colocar qualquer pensamento em 140 caracteres. eu *millenial*, ela *gen z*.

ainda assim, a gente se encontrou numa encruzilhada.  
essa metáfora tão óbvia que tinha tudo pra dar errado  
mas deu certo como um ebó bem feito.

virou hábito tomar chá de boldo depois de se entupir de  
*sushi*.

acordar com os corpos colados mesmo quando faz calor.  
as mãos entre as pernas.

um eterno molhado.

# amor à distância

e eu perguntei aonde ela iria

quando alguém lhe contasse que já não existiam mais aeroportos, que já visitara todos os lugares e que em cada estrada havia deixado uma pegada. e ela, tragando o cigarro bem forte, respondeu: me trancarei em algum sonho bizarro aonde só existam crepúsculos intermináveis e borboletas que não morrem em vinte e quatro horas.

e aí te esperarei.

nossa relação consistia em passar horas no telefone, criando situações absurdas e buscando respostas mais loucas ainda.

como é isso de ter um nome estranho dando voltas no céu da boca?

como é isso de sentir nostalgia de algo que nunca viveu?

como é isso de se esconder em um copo de  
whiskey?

o auge era simular um encontro entre o lobo e a  
chapeuzinho vermelho.

que pernas lindas você tem.

é pra te enlaçar melhor.

vivíamos esse faz-de-conta como se fosse um carnaval.  
sem lembrar da distância e das impossibilidades do  
nosso encontro.

todos os dias,

esperávamos ansiosas pela fantasia recém-saída da  
lavanderia.



# a revelação

voltando da escola,

viu a sandália na porta de casa quando entrou e se deu conta que renata havia chegado. agora, ela devia estar lá em cima, conversando com a mãe. a filha perfeita à casa torna. já imaginava os dias que se seguiriam, a tortura do natal em família. as comparações entre elas. a irmã sempre foi a filha querida, o modelo a ser seguido.

e ela.

um transtorno.

uma gravidez não planejada.

um erro.

entrou no quarto e ambas, renata e a mãe, pararam de rir quando a viram.

*boa tarde, pirralha!* disse uma eufórica renata, levantando-se e abraçando aurora exageradamente, assanhando seus cabelos com uma mão só.

*chegou, enfim. renatinha, você precisa conversar com sua irmã. cada dia que passa me dá mais trabalho, tira notas baixas na escola, não sei mais o que fazer.* disse a mãe, com aquele ar teatral de sempre. *ah, e sabe a nova? virou mocinha e nem me contou! só descobri por que notei uns absorventes faltando no meu banheiro.*

aurora baixou a cabeça, envergonhada. renata a olhou, com um sorriso condescendente e acariciou sua cabeça novamente, desta vez, mais delicada.

*você vai me contar mais? vou te ensinar a usar o absorvente de um jeito que não marca a calcinha e ninguém vai perceber quando você estiver naqueles dias,* disse renata com um sorriso e uma piscadela.

a menina assentiu timidamente e saiu. quando deitou em sua cama, as lágrimas já corriam como um rio veloz manchando a blusa da escola.

\*

renata chegou em casa por volta das dez da manhã. abriu a porta e ouviu o silêncio. aurora devia estar na escola e a mãe no trabalho. achou bom porque assim

tinha tempo de percorrer a casa sozinha. se organizar sem a costumeira enxurrada de perguntas sobre a faculdade ou os namorados que não tinha.

todo ano, desde que havia saído de casa, sofria por ter que voltar para as festas de final do ano. este ano, especialmente, a torturava deixar letícia sozinha no campus. mas estava decidida a contar à mãe sobre a namorada e dizer para aurora que ela poderia confiar nela e, que logo, se ela quisesse, poderia ir morar com ela e letícia.

sabia do inferno que era morar com a mãe. as cobranças, exigências, a necessidade de ser impecável o tempo todo. expectativas que caíam sobre sua cabeça todos os dias: você tem. você deve. nunca: você gostaria?, o que você pensa disso?. nunca uma frase de apoio ou de estímulo. a mãe sabia como fazer alguém se sentir um lixo.

\*

agora, deitada na cama, aurora chorava copiosamente. de vergonha, de raiva. odiava a irmã, a mãe, a casa. só pensava em fugir. fugir para um lugar onde ela pudesse ser ela mesma. livre.

às vezes, ao invés de ir para a escola, pegava um ônibus e rodava pela cidade, olhando os prédios altos e pensando como seria morar em um deles, sozinha, livre do julgamento da mãe, livre da obrigação de ser igual à irmã.

*sua irmã nunca me deu trabalho! sempre foi a melhor da classe, sempre limpa, bonita, impecável. por que você não é como ela?* gritava a mãe em seus ataques de fúria. carregava o peso daquela irmã desde pequena. renata tinha aquele olhar de pessoa sábia, sempre tranquila, obediente.

levantou da cama e se olhou no espelho. se achava feia. seu rosto era redondo demais, o lábio superior proeminente, formava uma espécie de bico quando ela ficava zangada com algo. os olhos de peixe morto e as olheiras de quem não dormia há várias encarnações a deixavam mais velha do que realmente era.

além disso, se sentia cansada todo o tempo, como se carregasse um elefante nas costas encurvadas. tinha uma leve corcunda vinda da mania de se retrair para dentro de si mesma, como que para se proteger do

mundo, o que já lhe custara vários tapas no meio das costas.

*coluna reta! se endireite!* gritava a mãe, não importa onde estivessem: em casa, na rua fazendo compras, na festa de aniversário de uma menina esnobe do colégio. aquilo só fazia ela se encurvar ainda mais como uma avestruz que enterrava a cara no chão.

ouviu a mãe chamando lá embaixo.

hora do almoço.

lavou o rosto, alisou os cabelos e desceu como se nada.

\*

renata sentiu o corpo enrijecer. estava tensa e não conseguia esconder isso. olhou para aurora e notou que ela havia chorado. se arrependia de não ter conversado mais com a irmã quando ainda vivia naquela casa. ela era muito pequena, a diferença de idade muito grande e quando ela foi para a faculdade, aos dezoito, aurora só tinha dez anos.

sorriu desajeitada para a adolescente do outro lado da mesa que respondeu com um sorriso meio de lado. a mãe servia o almoço, um macarrão gorduroso com salsicha dentro.

*mãe, esqueci de dizer que agora sou vegetariana.*

a mãe a olhou como se ela tivesse dito que cometera um crime e se arrependeu quase imediatamente de ter falado.

*mas, não importa, eu como o macarrão e separo a salsicha.* sorriu um riso sem graça. a mãe suspirou, balançando a cabeça em negativa, do jeito que sempre fazia quando queria demonstrar reprovação ou impaciência.

*e a faculdade? como vai?*

*tudo bem. ano que vem começo o internato no hospital universitário e, provavelmente, não terei férias.*

*muito bom. muito bom.* disse a mãe assentindo com a cabeça, enquanto enchia a boca com o macarrão, fazendo o estômago de renata revirar em náuseas.

*algum rapaz interessante?*

um arrepio a percorreu e seu corpo enrijeceu ainda mais. *não.* a mãe balançou a cabeça sem olhá-la. *na verdade...* a mãe levantou a cabeça, interessada, e a olhou com aquele olhar de rapina, ávida pela presa.

*na verdade, tem uma pessoa,* a voz de renata tremia.

a mãe bateu na mesa com entusiasmo.

*finalmente! como ele é? vai ser médico também? tem que ser. que bonito, um genro médico. vocês podem abrir uma*

*clínica juntos. você já decidiu em que vai se especializar? espero que seja em cardiologia como seu pai. ele ficaria muito orgulhoso. você sabe que aquele seu primo, o henrique, acabou de se formar em direito? imagine! que orgulho seu pai teria!*

a mãe não parava de falar. mexendo a cabeça como uma tartaruga fazia quando se esgueirava para fora do casco, sua voz saía aguda no final de cada frase e fazia a cabeça de renata doer como se alguém estivesse enfiando uma agulha em seu cérebro. sentiu as mãos começarem a tremer compulsivamente. as orelhas ficaram quentes e vermelhas.

o vômito veio em um jato

caindo sobre o prato de macarrão engordurado.

\*

o cursor piscava na caixa de texto da *timeline* do *facebook*:

*o que você está pensando?*

a perguntava ecoava na cabeça de renata, embora ela já soubesse o que ia escrever. digitou lentamente e ficou satisfeita. o coração batia rapidamente. ela suava frio, os olhos dilatados. uma gota de suor caía da testa. finalmente clicou em postar.

agora, já era.

quem tinha dúvidas, agora ia ter certeza e ela sabia que nunca se arrependeria daquele ato e que sofreria todas as consequências.

abaixo da foto sorridente da mulher que acabara de completar 23 anos, o status dizia:

*o senhor é meu pastor e ele sabe que eu sou gay.*

quase que imediatamente, seu celular começou a bipar com mensagens de amigos e parentes. o número de *likes* subia no contador e um desespero começou a tomar conta dela.

\*

aurora nunca tinha as visto daquele jeito. a mãe, especialmente, estava transtornada.

passava os olhos de uma para a outra como se assistisse a um jogo de pingue-pongue. elas gritavam, mas por um momento, parecia apenas que mexiam a boca sem emitir som algum. a mãe chorava, batia no peito. renata também chorava, mas agora, mais contida, encostada na parede, com as mãos no rosto.

*como você pôde fazer isso comigo? você quer me matar de desgosto? depois de tudo o que eu fiz por você?*

renata tentava racionalizar:



*mas mãe, eu continuo a mesma. vou me formar, vou ser médica como você sonhou. só não vou casar com um homem. isso não muda nada na minha vida.*

*não muda nada? berrou a mãe, com que cara eu vou olhar para o resto da família agora que eles sabem que minha filha é uma... é uma sapatão?*

a mãe avançou para cima de renata e agarrou seus cabelos, esbofeteando-a repetidamente. diante da violência, aurora acordou do torpor e tentou segurar a mãe. a irmã estava no chão com um filete de sangue escorrendo pela boca.

\*

àquela altura, os vizinhos eram atraídos pela gritaria e começavam a sair nas janelas de suas casas. a mãe também caiu em si ao ver a filha largada no chão, amparada nos braços da irmã mais nova. saiu desesperada pela porta da frente, como se alguém houvesse morrido.

e no fundo,

algo se partira irreparavelmente no peito daquelas três mulheres.

## tomando chá com a angústia

a moça de terninho azul

e cabelo cinza sentou-se à mesa e pediu um expresso duplo.

*oi, tudo bem?*

catarina mexia o *chai* indiano já frio da espera. sem resposta, a outra continuou, *eu trouxe seus livros e as coisas que ficaram lá em casa*, disse, nervosa.

catarina mexia o chá distraída sem olhar pra ela. a colher pequenina em loop na xícara. o corpo reto na cadeira retrô desconfortável. o pescoço em tensão. o rosto impassível. a língua travada.

*faz tempo que você chegou?* insistiu a moça, *fiquei presa em um engarrafamento.*

*hunrum* é tudo o que sai da garganta tartamuda de catarina.

*olha, eu sei que está sendo tudo muito difícil pra você.*

pela primeira vez, catarina levanta a cabeça e a olha. o erro da moça do terninho sempre foi a condescendência. estratégia tosca, essa de encher de doces o paladar de uma criança que faz birra.

o ódio fervia nos ouvidos de catarina enquanto ela tomava o chá em silêncio. a outra sentia a angústia dilatando os olhos. o suor escorrendo nas têmporas. a língua queimando com o café amargo tomado às pressas. exasperada, quase grita. *você não vai falar nada? o que você quer de mim?*

catarina olha pra caixa onde estão suas coisas e diz suave, *você esqueceu o meu disco da maria bethania.*

# lost in translation

uma escova de dentes,  
vários sabonetinhos, um ou dois cremes, absorventes,  
uma sapatilha, uma bolsa, incensos. essas são as coisas  
que ainda estão na casa dela, pensa, olhando as fotos no  
celular e lutando contra a vontade de telefonar. já deve  
estar tudo na *poubelle*. lembra de como foi difícil  
aprender aquela palavra que a francesa pronunciava  
separando as sílabas e quase gritando como se ela fosse  
surda.

aquele intercâmbio em paris foi a coisa que mais desejou  
na vida, mas por causa dela, começou a odiar o francês.  
as palavras arranhando na garganta evocavam as  
unhas nas costas encrespadas. apagou todas as fotos  
com raiva, afinal, também tinha direito de jogar as  
memórias na lixeira e se ela atendesse o telefone, só de  
desaforo, diria *te extraño*, em espanhol.

# carta para laura

*laura,*

sinto saudades daquele dia em que ficamos em ponta negra ouvindo músicas. tenho uma saudade danada daquele dia. a conversa mais sincera que eu já tive.

você cantarolava aquela música do cartola e eu não sabia o que fazer com as mãos. foi como se o tempo parasse. como se ausência não houvesse. era como cacostilhos-resquícios de vida que se encontram.

dia desses fui à farmácia e comprei um sabonete *phebo* que foi o sabonete da minha infância. de quando eu não entendia porque ph tinha som de f; do cheiro da minha avó e dos lençóis da cama dela (ela colocava a embalagem na fronha pra ficar com o cheirinho); do café quente com cuscuz; do baião de dois com queijo coalho e pequi; do mosquiteiro que cobria a cama de casal; do

guarda-roupas onde me escondia quando brincava com meus irmãos. aspiro o cheiro do sabonete *phebo* com saudades e amor enquanto me pergunto: quantas histórias uma memória pode contar?

you também usava *phebo*, laura.

nos dias difíceis você dizia que não há nada que um bom banho não cure.

não sei quanto tempo se passou desde que aquela porta foi fechada. não sei mais se era dia ou se era noite, não sei se estava na praia ou no campo ou se em um hospital ou necrotério. não me sentia viva, não percebia minha respiração ou o sangue correndo nas minhas veias, não sentia meus pés, nem minhas mãos, nem meu sexo.

uma luz brilhava longe, no meio da escuridão.

eu queria ir até você, mas na realidade, era uma vontade vazia, cheia de preguiça, de tanto faz. entre a luz e eu havia um silêncio profundo. não o silêncio da ausência de barulho, mas um silêncio pesado, denso como o universo. esse silêncio que viaja anos-luz, que não tem começo nem fim, que vive em um cemitério de estrelas que ainda insistem em brilhar pra nós aqui na terra.

sabe, laura, eu queria resetar a existência.

viver não tem o menor sentido. o vizinho escutou música alta o dia inteiro. alguém botou fogo no mato ao lado de casa. hoje eu gritei três vezes bem alto na janela. os gatos se assustaram. minha garganta ficou doendo. foi bom. li que a conceituação da estrutura masoquista mudou para auto derrotista.

você riria disso.

olho agora, pela janela, para a vizinha no outro lado da rua.

parece uma mulher comum, de meia idade. fuma um cigarro, olhando a fumaça subir para o céu. ela também me vê e faz um aceno breve, como se dissesse, se não fosse a pandemia, talvez nunca esse aceno. você iria gostar dessa vizinha. ela fuma e bebe café o dia todo.

na quarentena, somos janelas que antes nunca abertas, agora se tornam farol. me pergunto se as telas de proteção que envolvem nossas janelas evitam o pulo dos gatos ou o nosso.

eu lembro quando você pulou, laura. todas as vozes emudeceram em um instante.

ainda era um mundo sem pandemia, máscaras só as de carnaval igual as que usávamos na festa. eu sempre vou te odiar por isso, laura. pelo pulo performado diante do público. você não poderia fazer isso na solidão de sua casa, não é?

tinha que haver performance-gente-sorrindo-se-olhando-estupefata

*ela pulou mesmo?*

e lá no fundo do abismo.

nunca mais o pôr-do-sol em ponta negra.

agora, só o mundo girando como um moinho.



## **eu chupo, tu chupas, ela chupa**

eu tinha vergonha de usar o verbo chupar.

me parecia obsceno.

eu nunca dizia: vou chupar um picolé,

mas vou comer um picolé.

lamber também me soava pornográfico e minha pudica

criação me impediu de gozar

a beleza dos vocábulos.

um dia acordei e estavam lá.

aquelas palavras coladas no céu da boca

cercavam-me matreiras, rondando como gatos, com seu

passo lento e macio só esperando

o momento de atacar.

quando a gente se permite até o gosto das palavras é

diferente.

como a lua que vai se fazendo cheia elas explodiram no

palato. me excitaram-provocaram-sufocaram e eu

resisti até onde pude.

um dia invadiram assim-de-repente meu corpo-forte-

desprotegido.

como águas bravias preencheram todos os lugares,

saíram por todos os poros. na guerra entre a religião e o

glossário, as palavras venceram.

hoje, eu as lambo-chupo-gozo na ponta da minha

caneta.

# reencontros

saltei sobre ela em um abraço

e enlaçando minhas pernas em sua cintura, disse

baixinho em seu ouvido: até que enfim, meu amor.



Dia Nobre é escritora e Ph.D em História. Natural do Cariri cearense, atualmente trabalha em Petrolina, Pernambuco, como professora universitária desenvolvendo projetos ligados à literatura, história, lesbianidades e feminismo.

Seu primeiro livro de ficção, *Todos os meus humores*, foi publicado em junho de 2020 pela [Editora Penalux](#). Participa ainda das Antologias [Coletânea VISÍVEIS – I](#), [Anuário Filipa Edições](#) e [Antes que eu me esqueça – 50 autoras lésbicas e bissexuais hoje](#) (Quintal Edições, 2021).

Em maio de 2021 lançou seu segundo livro de ficção *No útero não existe gravidade*.

Site: [www.dianobre.com](http://www.dianobre.com)

Instagram: @dianobre\_

*“Entre pernas guardas: casa de **á**gua e uma  
rajada de pássaros”*

***Olga Savary***